

A COMPREENSÃO E A CONTEXTUALIZAÇÃO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO DA FILOSOFIA

COMPREHENSION AND INTERDISCIPLINARY CONTEXTUALIZATION IN THE TEACHING OF PHILOSOPHY

Edilson Vilaço de Lima

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão, bolsista CNPQ, tutor da UEMANET.
E-mail: neoeddi21@gmail.com

Adelson Cheibel Simões

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Professor substituto da Universidade Federal do Maranhão, e professor da Faculdade do Baixo Parnaíba.
E-mail: adelsonsimoes@gmail.com

RESUMO:

A problemática aqui suscitada surgiu da observação das metodologias e didáticas utilizadas nas aulas de filosofia do ensino médio, onde prevalecia o currículo disposto pelos manuais e livros de filosofia, seguindo basicamente o plano de história da filosofia e temas isolados; não como matéria reflexiva, mas de segmento apenas conteudista e decorativo. A proposta aqui defendida é de que a filosofia não seja disciplina isolada, visto que nem pode ser, pois é uma atitude crítica ao pensamento, e não há parâmetro pedagógico que dê conta de sua natureza, ou que possa estabelecer limites didáticos para o seu ensino. O que se espera da filosofia num contexto em que ela ainda acha-se inserida na educação básica, não obstante a recente ameaça de sua retirada pela M.P de 2016, que lança mudanças no ensino médio? Qual a identidade desse saber e dessa atividade docente, que agora se faz presente em todas as salas de aula do país? A guisa de soluções para tais problemas viu-se a necessidade de ampliar a dimensão desse ensino para componentes contextualizados e uma compreensão hermenêutica das disciplinas da educação básica e sua interdisciplinaridade.

Adequando-se a realidade vivida do aluno – meios de comunicação, ambiente espacial de vivência - arte, ciência e cultura –; denotando-se, ainda, a capacidade do ensino de filosofia de compreender e dialogar de forma contextualizada com as demais disciplinas da educação básica, mostrando o valor do conhecimento e da reflexão sobre o mundo.

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino de filosofia; Metodologias; Hermenêutica; Interdisciplinaridade e Contextualização.

ABSTRACT:

The problem here arose from the observation of the methodologies and didactics used in philosophy classes in high school, where the curriculum prevailed by manuals and books of philosophy, basically following the plan of history of philosophy and isolated themes; Not as reflective matter, but as a merely contentious and decorative segment. The proposal here is that philosophy is not an isolated discipline, since it can not be, because it is a critical attitude to thinking, and there is no pedagogical

parameter that accounts for its nature, or that can establish didactic limits for its teaching . What is expected of philosophy in a context in which it is still embedded in basic education, despite the recent threat of its withdrawal by M.P of 2016, which introduces changes in secondary education? What is the identity of this knowledge and teaching activity, which is now present in every classroom in the country? As a solution to these problems, it was necessary to extend the dimension of this teaching to contextualized components and a hermeneutic understanding of the disciplines of basic education and its interdisciplinarity. Suiting the lived reality of the student - media, spatial living environment - art, science and culture -; Also denoting the capacity of philosophy teaching to understand and dialogue in a contextualized way with the other disciplines of basic education, showing the value of knowledge and reflection on the world.

KEYWORDS:

teaching philosophy; Methodologies; Hermeneutics; Interdisciplinarity and Contextualization.

1 INTRODUÇÃO

A representação histórico-cultural do povo grego no surgimento da filosofia e na educação acontece concomitante com a constituição das obras literárias na forma de documentos históricos, e nos mostram que eles foram os primeiros a se lançarem na história como a maior e mais fecunda civilização ocidental, e por isso, exaltados em poemas líricos e epopéias. As tragédias Gregas são lembradas até hoje, como grandes obras, e mesmo hoje em dia muitas delas são atuais, e são adaptadas para o público mundial, que assiste esse tipo de manifestação artística. O caráter individual – eunomia – do homem grego em todo seu esplendor, para o enfretamento dos deuses olímpicos, e o relato das moiras, é visto na figura do herói trágico; - Homero foi o primeiro grande poeta grego cuja obra chegou até nós, e teria vivido no século VIII a.C , período coincidente com o surgimento da escrita na

Grécia. A poesia grega seja ela de Ésquilo ou Sófocles, ou até mesmo de Eurípides, mas o que vale ressaltar, é que, esse espírito de elevação da vida está presente em toda vida do povo heleno. A tragédia e a poesia grega têm a capacidade de envolver a unidade da totalidade humana, e o sentimento de afetividade e reconhecimento, que faz sentirmo-nos tocados pelas tragédias, e essa capacidade de tocar alhures o que há de mais comum enquanto humanidade que é a vida imersa no pathos. O conceito que originalmente expressa o ideal educativo grego é o de Areté (Areté - virtude). Originalmente formulado e explicitado nos poemas homéricos, ela é entendida como um atributo próprio da nobreza, ou a qualidade natural do herói, como um conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais tais como a bravura, a coragem, a força, a destreza, a eloquência, a capacidade de persuasão, numa palavra, a heroicidade.

Oh, esses gregos! Eles entendiam do viver! Para isto é necessário permanecer valentemente na superfície, na dobra, na pele, adorar a aparência, acreditar em formas, em tons, em palavras, em todo o Olimpo da aparência! Esses gregos eram superficiais - por profundidade! E não é precisamente a isso que retornamos, nós, temerários do espírito, que escalamos o mais elevado e perigoso pico do pensamento atual, e de lá olhamos em torno de nós que olhamos pra baixo? Não somos precisamente nisso gregos? Adoradores das formas, dos tons, das palavras? E precisamente por isso artistas? (NIETZSCHE, 2003, pg. 15).

Podemos pensar então o homem como próprio processo e criador da cultura, pelo seu conhecimento, e tornando-se a obra primordial da natureza – phýsis - , dentro dessa contextualização de arte, e de cultura que atravessa as barreiras do tempo e que proporciona a Vontade humana como nos coloca Nietzsche a querer continuar existindo, entretanto, o pathos, desvencilhando-se assim do pessimismo apoiado no “em si” da vontade, como uma instância de pura dor, de puro anelo, como o insuportável, que propelia a fuga, foi

sendo afastado como uma instância metafísica que cindia a *phýsis*, a natureza em sua unidade criativa inerente. A necessidade da vontade, o anelo, foi descobrindo-se como a sua força, a sua tonicidade, o seu máximo poder.

Essa interpretação é a compreensão neistschena sobre os gregos e é umas das muitas que nos legaram durante a história do pensamento. Uma compreensão trágica, mas não menos contextualizada com a realidade do mundo antigo, hoje, já eras apagado de nossa vivência, mas, não menos compreendido. Desde o ensinamento da tradição oral dos aedos, que mesmo sem a escrita transmitiam esses ensinamentos, essas epopéias onde quase todas possuíam um cunho pedagógico, a poesia grega teve sempre um caráter filosófico e educacional, seja ela de Ésquilo ou Sófocles, ou até mesmo de Eurípides, mas o que vale ressaltar, é que esse espírito de elevação da vida está presente em toda vida do povo heleno.

Percebe-se então, que desde a antiguidade a filosofia surge e se desenvolve como uma prática educadora, ou seja, uma Paidéia. A literatura e a poética clássica, tanto em Hesíodo como em Homero, apesar de suas propedêuticas educativas não possuírem um rigor de método ou disciplina como a filosofia mantendo-se fiel ainda a religião e aos mitos, que eram os ensinamentos tradicionais dos povos helenos possuindo um caráter educacional, porém muito mais cultural. A filosofia diferente do mito, portanto, muito mais pela via da razão do que dá imaginação, estará na esfera da elevação intelectual dos homens, na busca do *arché* ou da *physis*, ou como a proposta platônica indica apenas pela razão pode-se chegar a verdade. Uma interpretação, ou compreensão desse mundo pela razão e não mais pelo mito, e suas explicações fabulosas, e sim uma interpretação do mundo mais próxima do real.

Período da idéia mítica entre os gregos. A experiência, que as artes e o comércio foram desenvolvendo, submeteu ao conhecimento causal, à profecia, ao domínio efetivo, um âmbito espacial cada vez mais amplo e uma quantidade cada vez maior de fatos e já a epopéia homérica nos

fornece provas da decadência dos deuses e do afrouxamento mítico. Por outro lado, as teogonias fixam uma relação entre os mitos, com o fim de tentarem entender a origem do mundo. (DILTHEY, 1966, p.21).

Dessa forma, orienta-se, a reflexão filosófica como uma prática reflexiva sobre o mundo e suas criações sejam elas técnicas, artísticas ou culturais. Os filósofos não são somente investigadores, mas professores no sentido socrático pedagógico. Os filósofos pré-socráticos são, como sugere o nome, os filósofos anteriores a Sócrates; havia sofistas antes de Sócrates, contemporâneos a ele e posteriores. Mas o pensamento deles situa-se em uma categoria própria em certas vezes, e relacionados a Sócrates noutras vezes. Isso porque o pensamento de ambos (sofistas e Sócrates) chega a tocar-se muitas vezes; suas diferenças consistem em questões de conduta (os sofistas cobravam por seu ensinamento, por exemplo) e algumas posições (os sofistas eram, no mais das vezes, relativistas, por exemplo). Mas ambos representam uma certa ruptura com os pré-socráticos, que são também chamados de filósofos da *physis*. Tais filósofos, considerados pioneiros da filosofia ocidental, buscavam um princípio, a *arché*, que deveria ser um princípio presente em todos os momentos da existência de tudo. Essa *arché* deveria estar no início, no desenvolvimento e no fim de tudo.

Os gregos porém, não partiram só de si mesmos, mas de tudo o que lhes era útil para a realização do próprio intento: buscar explicações plausíveis a respeito de tudo. Neles encontramos elementos das mais diversas culturas, em particular das vertentes de modo e investigação que orientaram o desenvolvimento histórico da filosofia e da ciência: uma (centrada nas figuras de Tales e Pitágoras) preocupada com a explanação do cosmos, servindo-se do instrumental geométrico e da capacidade de fazer cálculos herdados da cultura egípcia; outra (inclinada por Heraclito e Hesíodo, que fez da língua grega instrumento de filosofar do pensamento metafísico. Com

Heraclito e Parmenides, a filosofia recebeu um novo enfoque e uma mudança decisiva.(...)Com eles a filosofia se tornou, digamos mais propriamente grega: circunscreta à existencialidade e a fala ou verbalização da Paideia grega. Foi dentro dessa tendência que a filosofia se viu forçada a desenvolver várias outras disciplinas; a gramática, a sinonímia, a retórica e a lógica. (SPINELLI, 2006, p.46).

A educação para o homem grego, se insere, e se vê indissociada do crescimento da sociedade, participando da sua elevação espiritual interior e de sua evolução exterior, organização da polis como aponta Jaeger(2003, p.193) "A prioridade da filosofia da natureza sobre a filosofia do espírito tem um sentido histórico profundo, que se torna extremamente claro quando visto a luz da história da educação"; o objetivo dessa formação na história da educação alia-se intrinsecamente ao próprio surgimento da filosofia, enxergando e compreendendo essa realidade para eles como membros de um todo, buscando as mudanças da natureza e da vida humana, a filosofia grega ainda se vê ligada a poesias e as artes como uma compreensão consciente do próprio mundo grego. Aliando-se mais tarde a outras disciplinas como a matemática e a música, na tentativa de explicar esse mundo, e depois de forma mais pedagógica surge a figura de Sócrates e sua didática do não saber, direcionada, os homens a não perguntarem sobre o mundo mais acerca do que eles próprios dizem saber desse mundo, e a filosofia abarcara a ambos como um saber que não sabe, mas que busca saber, o ensinamento que ensina a perguntar.

Notar-se-á aqui o mesmo intento e a necessidade de uma retomada dessa proposta do ensino da filosofia na educação básica, não de forma diletante, mas de forma efetiva levando o aluno a produzir suas próprias idéias sobre o mundo, formando assim um cidadão mais reflexivo e ativo dos problemas da cidade e da realidade que o cerca. Segundo Ghedin (2008) vivemos num mundo banalizado, onde naturalização do ser humano é um processo

ideológico, uma visão de mundo impossibilitada pela prática do não pensar, uma realidade social de alienação, nos desfigurando, causando uma "des-ontização", ou seja, somos transformados em ser-objeto. E assim como Sócrates a aula de filosofia seria esse não saber, a ruptura dessa amarra, uma tentativa de formar alunos na prática da reflexão, e no diálogo com o mundo. Assim diz Gallo(2003), sobre a aula de filosofia:

Cada aula de filosofia procura provocar uma sacudida nos jovens fazê-los "quebrar a cabeça", derrubar suas certezas e provocar suas dúvidas, violar suas virgindades, fazê-los irrecuperavelmente perder suas inocências e canduras. Toda aula de filosofia exerce violência para provocar no outro movimento. Um movimento rumo ao... Imprevisível. Supõe esse querer (no sentido de vontade e no de amor) filosófico que por querer a sabedoria, a põe em questão, a põe constantemente em xeque, a rejeita, a obriga a mudar. Cada aula de filosofia é uma forma de convivência entre mestre e discípulo. Como é vida, é movimento, é uma comoção, um movimento mútuo. A comoção é a vida da aula de filosofia; sem comoção não há vida na aula. (GALLO, 2003, p.95).

A filosofia sempre foi um diálogo com o mundo, e a sua realidade vivida colocando essas reflexões como um aprendizado contextualizado do que podemos chamar de experiência vivida (Erlebnis), para Dilthey (1990) apud Amaral (1994, p.20) "A expressão vida significa aqui em primeiro lugar aquilo que para cada um é o mais conhecido, o mais íntimo. O que é vida está dado na experiência.". A vida é o campo do aprendizado do filosofar, assim como a sala de aula é o campo de aprendizado do aluno junto com suas experiências subjetivas e dos demais aprendizados experienciados por ele nas outras disciplinas em sala de aula, onde o lugar da filosofia não é um topos isolado, mas uma reflexão acerca dessas experiências. Assim pensa-se que o ensino de filosofia é um momento diferenciado, unificador de conhecimentos, e caracterizador de conceitos e fundamentações teórico reflexivas que seguem uma logicidade crítica. Com todos

esses pressupostos o ensino da filosofia tem sido alvo de várias reflexões desde seu retorno, onde as práticas de ensino tentam se adequar a uma especificidade da própria filosofia, como as experiências apontadas por Dilthey. Um entendimento universal para esses problemas supostamente particulares. A contextualização dessa vivência com a própria reflexão filosófica e dessa compreensão de mundo mostrando ao aluno que as possibilidades de ver o mundo se dão por essa própria unidade natural da realidade, tanto na reflexão das aulas de filosofia como nas outras disciplinas ajudando a entender sua própria realidade.

2 A INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA NA LEITURA DO MUNDO: A AULA DE FILOSOFIA, A VIDA E SEUS CONTEXTOS – ARTE, CULTURA E CONHECIMENTO

A proposta desse trabalho surgiu em 2010, com minha participação de dois anos no PIBID/UFMA de filosofia. Onde já possuíamos uma proposta inicial de uma didática interdisciplinar e diálogos filosóficos, utilizando mecanismos – literatura, filmes e músicas etc. –, paradidáticos, tentando contextualizar o ensino de filosofia com a realidade, deixando-o mais atrativo para os alunos. Durante os dois anos de PIBID as observações feitas nas escolas, e concomitante com os anos de docência, avaliou-se certo desinteresse e desinformação por parte dos alunos pela disciplina filosofia, ou por falta de diálogo das temáticas filosóficas com a realidade vivida do aluno; ou ainda pela carência de contextualização da filosofia com as outras disciplinas, tornando-a uma elucubração vazia e estéril, em suma, uma pensar isolado do mundo ocorrido apenas na aula de filosofia.

[...] a filosofia contribui para se manter aberta sempre a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos [...]. A filosofia é ela mesma transformadora, seu exercício impede o continuar pensando da forma em que se pensava. A filosofia serve ao pensamento, à sua própria lógica problematizadora, sem que isso signifique que preste a uma utilidade definida externamente (KOHAN, 2000, p. 189).

Com a retomada da filosofia no dia 02 de junho de 2008, através da lei 11.684 que determinou a presença da Filosofia como disciplina obrigatória nas três séries do Ensino Médio brasileiro, e sua inclusão no fundamental menor, tornou-se tema de discussão e de estudo mais intenso, desde então, as metodologias e as dinâmicas utilizadas no ensino da filosofia. O Programa de Incentivo a Bolsa e Iniciação a Docência, surgiu do intento de melhorar as práticas de ensino e incentivar a permanência dos alunos de licenciatura na docência. Dentro desse escopo foi abordado e avaliado propedêuticas tanto para tornar as aulas de filosofia mais dinâmicas, e para que o professor se posicionasse não como um mero reprodutor do conteúdo de história da filosofia, mas como um mediador da prática da reflexão filosófica. Observou-se ainda quando a aula era contextualizada a um tema próximo à realidade dos alunos – filme, música, poema, notícia no jornal e etc. –, percebeu-se um estímulo e um interesse dos alunos pela filosofia e pelo conhecimento ali informado. Amiúde quando a filosofia fora confrontada também com outros campos do conhecimento, não como elucidador da verdade, mas como um questionador, atravessando as temáticas com criticismo e reflexão. Quanto a isso afirma Cornelli apud Chauí (2010, p. 33):

Penso que é preciso inserir a filosofia no mesmo contexto em que se encontraram as demais disciplinas de humanidades – história, geografia, línguas e literatura brasileira e estrangeira. Filosofia, história e geografia foram, de início, submetidas à ideia de educação moral e cívica; em seguida, suprimido o ensino de filosofia, surgiu a disciplina estudos sociais, reunindo história e geografia; e a disciplina expressão e comunicação substituiu o ensino das línguas, além de suprimir o ensino de latim, grego, francês e espanhol.

A educação é a formadora das competências e habilidades dos alunos, e a mesma pode ser vista como diz Marilena Chauí, manipulada pelo estado ou seus interesses. Ao pensarmos a filosofia no sentido da educação

da antiguidade, estamos defendendo uma preparação e uma formação para os jovens que atuarão no mundo como cidadão. Essa Paidéia, que é papel da escola, só pode surgir se o aluno perceber que seu universo corresponde paralelo com essas criações do passado, do engenho de homens que, assim como eles, viveram nessa mesma terra e construíram em suas vivências possibilidades de melhorar a vida da humanidade como um todo.

O conhecimento é interligado desde seu primeiro estalo que é o thauma, aberto para a reflexão, como o desenvolvimento da técnica e das artes na organização de um pensar mais metódico. A filosofia enquanto um fim em si mesma, como diria a Aristóteles, ou a ciência primeira pode ser vista como um élan desse artifício do engenho humano. Quando notamos, ou resgatamos o perfil do filósofo durante a história do pensamento notamos que a filosofia acabou se fragmentando ou se tornando não mais um conhecimento sobre o mundo, e sim um conhecimento específico e mais especializado sobre determinado assunto, apartando-se assim da imagem romântica da imagem do filósofo como descobridor, investigador dos problemas da humanidade, tornando-se mais próximo da imagem de um cientista. Conforme Dilthey (1992, p. 14).

A ciência analisa e desenvolve, em seguida, as relações gerais no interior de fatos homogêneos assim isolados; a religião, a poesia e a metafísica primigênia expressam o significado e o sentido do todo. Aquela conhece, estas compreendem. Semelhante interpretação do mundo, que esclarece seu multiforme mediante algo de mais simples, começa já na linguagem e desenvolve-se na metáfora, como representação de uma intuição por outra que lhe é afim, que num sentido que num sentido qualquer torna-a mais ilustrativa, na personificação que ao humanizar, aproxima e torna compreensível, ou mediante o raciocínio por analogia que, em virtude da afinidade de algo conhecido, pode determinar o

menos conhecido, esse aproximar assim já do pensamento científico.

Não obstante, poderia essa imagem clássica do pensador cientista evocada por Dilthey ser aliada ou amalgamada com a vocação do ensino? E dessa mesma imagem clássica não seria o professor de filosofia essa mesma figura, próxima de um sábio? E não poderíamos ainda usar essa aura clássica junto com a investigação filosófica e incentivar no aluno esse anseio por conhecer e estudar; seja estudando álgebra, termodinâmica, a união dos gases nobres ou o porquê de Rafael Sanzio ser considerado o pintor das madonas? Não fragmentando o saber filosófico, mas articulando-o em seus ramos de conhecimento – política, epistemologia, lógica, estética, ética e metafísica -, a outros saberes? A modificação da realidade é acompanhada da evolução desses saberes e do pensamento filosófico e o ensino deve estar ligado ao progresso desses conhecimentos de vários ramos do aprendizado, e no ensino de filosofia a reflexão sobre essas disciplinas – transversalidade e interdisciplinaridade – seria o desenvolvimento desses conteúdos disciplinares, mas sem se perder o intento do filosofar, como nos mostra a tradição filosófica ao longo da história.

No caso específico da filosofia, temos uma imbricação muito própria entre conteúdo e forma de produção. Isso significa que, no caso do ensino da filosofia, precisamos fugir de dois "cantos de sereia" muito comuns nos processos educativos: o conteudismo (isto é, tomar o ensino como mera transmissão de conteúdos historicamente produzidos) e outra mais "moderno", aquele do discurso das competências e habilidades (isto é, tomar o ensino na contramão do conteudismo, como o desenvolvimento de determinadas habilidades e competências específicas). Se levarmos em conta que a atual política educacional brasileira, em especial os Parâmetros Curriculares Nacionais, assumem a defesa da organização do ensino em torno do

desenvolvimento de competências e habilidades, certamente essa não é uma tarefa simples (GALLO, 1997, p.133).

A especificidade da filosofia se dá em sua complexidade e sua abrangência de pensar nos problemas e temas afins, e quando pensada como ensino devemos nos lembrar se não são esses conhecimentos também atravessados pela universalidade, enquanto aprendizado do mundo. A proposta da contextualização dialogada com os ramos do conhecimento (disciplinas da educação) – arte, cultura e ciência, estão na própria pré-disposição do pensamento filosófico. Nesse intermezzo pensamos na transversalidade dos conteúdos dos textos filosóficos como problemas universais, dialogados com os textos de registro não filosóficos como propõe a professora Maria Lucia Aranha no seu livro didático “Filosofar com textos”(2012). Onde a interdisciplinaridade se faria pelas etapas didáticas sensibilizar, problematizar, conceituar³. E o acréscimo da contextualização e do diálogo com as demais disciplinas, mesmo que as demais atuem de forma interdisciplinar, todavia o alcance da reflexão filosófica só pode ser um papel da filosofia enquanto ciência primeira, mediando essa reflexão em consonância com as disciplinas da educação básica e com historia da humanidade⁴ no que tange seus

3 Ao propor a aula de filosofia como oficina de conceitos, quero justamente enfatizar o seu caráter prático, para além de uma mera transmissão de conteúdos da história da filosofia ou de um mero treinamento de competências e habilidades supostamente identificadas com o pensamento filosófico. Por isso, numa aula de filosofia assim concebida importa mais o processo criativo, a experimentação, fazer o movimento de pensamento, do que o ponto de chegada, a solução do problema, a veracidade do conceito criado. Importa que cada estudante possa passar pela experiência de pensar filosoficamente, de lidar com conceitos criados na história, apropriar-se deles, compreendê-los, recriá-los e, quem sabe, chegar mesmo criar conceitos próprios. Fazendo um ensaio meramente didático, parece-me que podemos caracterizar assim as etapas de trabalho numa “oficina de conceitos”: 1. Sensibilização 2. Problematização 3. Investigação 4. Conceituação. Através do trabalho progressivo nessas quatro etapas, podemos colocar aos estudantes um problema filosófico, fazendo com que eles vivenciem o problema, para que possam efetivamente fazer o movimento da experiência de pensamento. Ibidem p.33.

4 As transformações que entram em cena no mundo histórico podem ser distintas de acordo com tipos fundamentais. Elas podem ser apreendidas, na medida em que vêm à tona em um círculo mais estreito no interior de um sistema cultural das organizações de uma nação particular

desenvolvimentos científicos na construção do mundo humano, que podemos chamar de cultura ou conhecimento. Dessa forma, declina-se e direciona-se esse pensar como a proposta de pensar uma compreensão hermenêutica de um ensino de filosofia mais dinâmico e inserido no contexto da vida e na essência do mundo.

3.1 ENFOQUE INTERDISCIPLINAR

Na perspectiva educacional atual, o enfoque interdisciplinar versa sobre as contextualizações dos diálogos possíveis entre os ramos do conhecimento, elencados como disciplinas do ensino básico e suas especificidades. Segundo Danner (2013, p.09):

Ensino de Filosofia e Interdisciplinaridade” propõe-se pensar um ensino de humanidades em perspectiva interdisciplinar e contextualizada, de modo a fazer jus a dois pontos que considero fundamentais para o sucesso desse mesmo ensino humanístico em particular e da educação de um modo geral, a saber: (a) o diálogo permanente com as disciplinas científicas e com os problemas do cotidiano de vida, que permite enfatizar-se a atualidade e a importância das humanidades no que tange à formação crítica e criativa dos educandos (reforçando, inclusive, o aspecto emancipatório da educação e da escola, que é um de seus cernes); e (b), a partir da interação com as disciplinas científicas e com o cotidiano de vida, a possibilidade tanto de pensar-se sistematicamente sobre o conhecimento quanto de aplicar-se prática e localizadamente esse mesmo conhecimento sistematicamente elaborado.

Pensamos diante dessa perspectiva alguns objetivos e passos dentro desse diálogo do ensino de filosofia e a

ou em uma totalidade mais abrangente, a saber, no interior dos diversos lados de sua vida. Por outro lado, elas podem ser apreendidas, na medida em que se estendem por um período maior ou menor. Esses diversos modos de apreensão são condicionados pela natureza do movimento que apreendemos. Esse movimento propaga-se em círculos de uma extensão diversa e realiza-se em diversos espaços e tempos. (DILTHEY, 2010, p.273).

interdisciplinaridade contextualizada com as demais disciplinas da educação básica, intentando-se aqui alguns passos: a) Contextualizar o ensino de filosofia a partir de uma compreensão hermenêutica do diálogo interdisciplinar travado com a arte, cultura e ciência; b) Desenvolver a interdisciplinaridade com a prática de compreensão hermenêutica dos temas de filosofia na educação básica com os contextos: arte, cultura e ciência; c) Apresentar propostas temáticas de ensino de acordo com os conteúdos interdisciplinares do currículo da filosofia na educação básica, preferencialmente, no ensino médio; d) Propor a prática de uma leitura hermenêutica dos temas filosóficos, contextualizando-os com os textos dos filósofos e com a adequação interdisciplinar; e) Compreender a pertinência das reflexões dentro do contexto social do aluno expandindo assim sua visão de mundo.

3.2 ENFOQUE HERMENÊUTICO

Na concepção de Ghedin (2004), a hermenêutica se preocupa em recolher o sentido do discurso, para Amaral (1994) é a tarefa hermenêutica para todas as formas de comunicação, especialmente do diálogo vivo, como uma construção da compreensão do mundo da vida. Segundo Santos Filho (2013) o *erklaren* das ciências naturais e *verstehen* das ciências sociais elaborados é a contribuição mais importante elaborados por Dilthey, no que tange a experiência vivida e compreensão interpretativa, no qual ele irá chamar essa compreensão de círculo hermenêutico, ou seja, um movimento de compreensão entre as partes e o todo; Ghedin (2004) a compreensão não é um estágio final do processo de aprendizado, mas é um meio para que as coisas e o mundo.

Dessa forma, nossa análise sobre o ensino da filosofia, utilizando a compreensão hermenêutica e a contextualização do diálogo com os conhecimentos interdisciplinares, propõe que o estudo sobre os conhecimentos do mundo, ou sua apresentação de forma mais contextualizada possa ser um facilitador do aprendizado na busca de compreender os

conceitos criados na história do pensamento filosófico. Assim, como visa que o anseio do aluno de entender o funcionamento da realidade em suas demais esferas do conhecimento – artística, científica e cultural –, ganhe um novo impulso. Lembrando que, segundo Dilthey (2014, p. 34):

Assim a filosofia transpõe seu ponto central para a consciência do nexos lógico das ciências. Nessa nova posição a filosofia parece ter alcançado finalmente a concepção objetiva do mundo, liberada de investigações metafísicas e epistemológicas. Se as ciências empíricas investigam as partes particulares ou os lados da realidade efetiva, então resta a filosofia a tarefa e conhecer a ligação interna das ciências particulares entre si, ligação essa segundo a qual elas trazem ao conhecimento do todo da realidade efetiva.

Alem disso apresentaremos a seqüência didática inspirada no método do professor Silvio Gallo (2003), que fora utilizada na sua metodologia da "Oficina de Conceitos" e que consiste nos quatro passos das suas etapas didáticas: sensibilizar, problematizar, investigar e conceituar; onde investigaremos ainda a proposta da interdisciplinaridade no diálogo com a realidade "atravessamento mútuo dos campos de saberes, que a partir de suas peculiaridades se interpenetram, se misturam, se mestiçam, sem, no entanto, perder sua característica própria, que só se amplia em meio a essa multiplicidade" (Gallo, 2003, p. 57). E a partir dessas observações acrescentaremos a compreensão hermenêutica diltheyana sobre a concepção de um mundo histórico no âmbito das ciências; bem como a quinta etapa acrescentada às propostas didáticas, que seria a da contextualização⁵, onde essa quinta etapa junto com a compreensão hermenêutica seriam os mediadores entre a realidade vivida

5 Deste modo o contexto emerge progressivamente na sua alteridade. Descobrimos o que o contexto diz e a diversidade de nossa mentalidade, ou a distância de nossa cultura, somente partindo daquelas "atribuições de sentidos" que contribuímos, a partir da nossa pré-compreensão, de desvelamento e desocultamento do real que se opõe diante de nosso ser. (GHEDIN, 2004, p.05).

e a realidade aprendida pelo aluno, no intento de transformar ou dinamizar a aula de filosofia não mais em uma especulação vazia, mas numa investigação efetiva da realidade.

3.3 ENFOQUE METODOLÓGICO

Para análise do objeto proposto, utilizaremos o modelo de revisão de literatura, assume-se a epistemologia hermenêutico/argumentativa, recorrendo-se à pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo quantitativa/qualitativa;

A aplicação de laboratório em sala de aula com temas interdisciplinares e contextualizando com a própria reflexão filosófica, a partir de uma sequência didática utilizando a proposta aqui apresentada;

O universo da pesquisa constituir-se-á pela leitura da obra de Wilhelm Dilthey, e da proposta de compreensão hermenêutica na construção do mundo histórico e das ciências, seguido de textos da tradição filosófica a fins com a temática proposta; acompanhada dos textos sobre ensino de filosofia do professor Silvio Gallo e de outros autores da educação, assim como o levantamento de livros didáticos do ensino da filosofia; O público alvo aqui pretendido serão alunos do ensino médio, abordados em dois eixos: com temas ao ensino da filosofia; e com eixo história da filosofia de caráter interdisciplinar contextualizando com as demais matérias da educação básica.

CONCLUSÃO

A interdisciplinaridade pode ser vista como uma retomada da própria essência original da filosofia, de pensar os problemas do mundo e sua unicidade, onde a filosofia toma esses problemas como valiosos e os rejeita em um nível de conhecimento como nos diz Dilthey (2014), busca compreender esse mundo através de suas nuances – arte, cultura e ciência –, seu diálogo no ensino com as disciplinas da educação básica com suas metodologias e seu

conhecimento; asseverado que o importante no conhecimento desse mundo da vida e na construção dos seus conhecimentos seriam as compreensões dos mesmos. Intenta-se aqui portanto nas suas possibilidades metodológicas não escrever um caminho único para o aprendizado, mas apontando a possibilidade de mais um caminho, onde tais conhecimentos se inter cruzam se contextualizam; Danner (2013) contextos são conjuntos de elementos relacionados entre si constituindo uma significação.

Os contextos são como que os mecanismos de mediação das significações dos diversos elementos em contextos diferentes, os elementos ganham significações diferentes, aliados aos conceitos, e esses conceitos nunca são dados de antemão Gallo (2012); são concepções que contextualizadas trazem a lume os problemas já aqui questionados e colocados ao contextualizá-los auxiliam a direcionar para o sentido de um dado: seja ele um objeto ou parte de um objeto, seja uma ideia, ou uma ação, ou um fato. Esses problemas que perseguem o homem em sua história fazem parte desse mundo humano e suas inquições, e nas de seus alunos ajudando-os a pensar tais problemas, atravessados nas aulas de filosofia como problemática não mais ermas, e sim constituídas de sentido e significado aliadas a proposta disciplinar podem se constituir com uma leitura hermenêutica de uma pretensão universal dos paradigmas de discussão que já são próprios da própria filosofia. Ainda para Danner (2013) interdisciplinaridade, as ideias fortes são: troca, cooperação e busca de organicidade entre as disciplinas ou entre os saberes que se comunicam entre si ampliando o entendimento de qualquer objeto de conhecimento.

As disciplinas deveriam dialogar entre si, e principalmente a Filosofia em seus aspectos mais gerais, que possui em sua essência a capacidade de manter esse diálogo, no que tange seu caráter conceitual, dialógico e sua crítica radical. Para Edgar Morin (2005), seria ainda necessário enraizar

o conhecimento físico, e igualmente biológico, numa cultura, numa sociedade, numa história, numa humanidade, em suma, uma compreensão aliada ao um conhecimento e ensino contextualizado e refletido. A partir daí, cria-se a possibilidade de comunicação entre as ciências, e a ciência transdisciplinar-interdisciplinar é a proposta de um método que poderia desenvolver-se a partir das aulas de filosofias esses dialogo filosófico com o mundo através de suas próprias criações humanas – arte, cultura e ciência.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. J. **A filosofia no ensino médio** – ambigüidades e contradições na LDB. Campinas: Autores Associados, 2002.

DANNER, Leno Francisco. **Ensino de filosofia e interdisciplinaridade** [recurso eletrônico] / Leno Francisco Danner (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DILTHEY, Wihelm. **A essência da filosofia**; Tradução: Marco Antonio Casanova. – Petropolis-RJ, Editora Vozes, 2014.

_____. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Tradução: Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. **Filosofia e educação**: textos selecionados; org. e introdução Maria Nazaré Camargo Pacheco Amaral; tradução: Alfred José Keller e Maria Nazaré Camargo Pacheco Amaral São Paulo-SP EDUSP, 2010.

_____. **Os tipos de concepção de mundo**. Tradução Artur Mourão; Instituto LUSOFIA, 1992.

FÁVERO, A.; RAUBER, J. J.; KOHAN, W. O. (orgs.). **Um olhar sobre o ensino de filosofia**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

FILOSOFIA: ENSINO MÉDIO / Coordenação, Gabriele Cornelli, Marcelo Carvalho e Márcio Danelon . - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 212 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 14)

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, S. **Filosofia na Educação Básica**: uma propedêutica à paciência do conceito, in RIBAS, M.A.C. et al (orgs.) Filosofia e Ensino: a

filosofia na escola. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

GALLO, S. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental:** entre o oficial e o alternativo, in Comunicações – Revista do PPGE-Unimep. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, ano 11, n° 1, junho de 2004.

GALLO, S. **O ensino de filosofia no contexto de uma “educação menor”**, in ROLLA, A. B. M. et al (orgs.). Filosofia e Ensino – possibilidades e desafios. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.

GALLO, S. **A especificidade do ensino de filosofia: em torno dos conceitos**, in PIOVESAN, A. et al (orgs.). Filosofia e Ensino em Debate. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

GALLO, S. **Filosofia no ensino médio:** em busca de um mapa conceitual, in FÁVERO, A. et al (orgs.). Um olhar sobre o ensino de filosofia. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

GALLO, S. **Conhecimento, Transversalidade e Educação:** para além da interdisciplinaridade, in Impulso - Revista de Ciências Sociais, vol. 10, n° 21, Piracicaba: Editora Unimep, 1997.

GALLO, S.; KOHAN, W. **Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio**, in GALLO, S.; KOHAN, W. O. (org.). Filosofia no Ensino Médio. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 174-196.

GALLO, S.; KOHAN, W. O. (org.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JAEGER, Werner. **Paideia – a formação do homem grego**, Ed. Martins Fontes, São Paulo. 2003.

MORIN, Edgar, 1921-M85c **Ciência com consciência** / Edgar Morin; tradução de Maria 8'1 ed. D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor - 8" ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NIETZSCHE, Friderich. **O nascimento da tragédia**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **A Gaia Ciência**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SPINELLI, Miguel. **Questões Fundamentais Da Filosofia Grega**. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

SITES e ARTIGOS

GHEDIN, Evandro; **Hermenêutica e Pesquisa Em Educação:** Caminhos Da Investigação Interpretativa. Evandro Ghedin, 2004 ; Disponível: <http://arquivo.sepq.org.br/II-SIPEQ/Anais/pdf/gt1/10.pdf>. acesso: 17/07/2017.

LIVROS DIDÁTICOS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda MARTINS, Maria Helena Pires. **Introdução à Filosofia**. 2ªed. Editora Moderna. São Paulo, 1993.

CHAUÍ, M. **Convite a filosofia**. 13ª ed. Editora Ática. São Paulo, 2010.

COTRIN, Gilberto. **Fundamentos de Filosofia:** elementos da história do pensamento. 12ª ed. Editora Saraiva. São Paulo, 1996).

DIMENSTEIN, G.; RODRIGUES, M.M.A.; GIANSAANTI, A.C. **Dez lições de Filosofia para um Brasil Cidadão**. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2012.

DORA Incontri BIGHETO, Alessandro Cesar. **Filosofia Construindo o Pensar** - Volume Único, Ed. Escala Educacional, 2010.

GALLO, Silvio, **Filosofia: experiência do pensamento**, Editora: Scipione; Volume único, 2015

ROCHAMONTE, Catarina. Filosofia e **Sociologia: Ensino Médio** – 7.ed.- Fortaleza: Sistema Ari de Sá de Ensino, 2016.